

## ACORDO INTERNO

# Funcionários vão discutir após julgamento e reivindicam ICV-Dieese para 2007

Reunidos em assembléia na sexta-feira, 23/2, os funcionários administrativos resolveram aguardar o julgamento de seu Acordo Interno pelo Tribunal Regional do Trabalho. A sessão, que deveria ser realizada na quinta-feira, 22/2, foi transferida para o início de março.

Em junho de 2006, a AFAPUC entrou na Justiça do Trabalho reivindicando o cumprimento de seu Acordo Interno, denunciado em abril daquele ano pela Reitoria e pela Fundação São Paulo. Desde esta data a AFAPUC continuou discutindo com a direção da universidade para tentar um novo acordo.

### Novo texto

A direção da AFAPUC leu na assembléia um texto proposto pela Fundação São Paulo e que contou com o aval do Ministério Público. Do Acordo Interno denunciado, que contava com 70 cláusulas, a AFAPUC elencou 37 que os funcionários gostariam de ver respeitadas. Nas discussões com a Fundação São Paulo, 14 itens foram sumariamente rejeitados, entre eles o auxílio-aposentadoria após o desligamento, a extensão do acordo para Sorocaba, licença-prêmio, piso salarial da categoria e

compensação de atrasos e faltas.

Das outras 23 cláusulas aceitas pela Fundação, boa parte sofreu alterações que ferem em muito o seu sentido original. A direção da entidade avalia que as alterações configuram uma grande perda para os trabalhadores da PUC-SP.

Os funcionários decidiram aguardar o posicionamento do TRT para discutir novas medidas, em assembléia que será marcada nos próximos dias pela AFAPUC. Também foi aprovada a reivindicação do ICV-Dieese para o próximo reajuste salarial.

FABIO NASSIF



Professores, alunos e funcionários lotaram o Tuca reivindicando a volta dos demitidos

17/fevereiro/2006

**UM ANO APÓS  
AS DEMISSÕES,  
CONTINUA A LUTA  
DOS PROFESSORES**

## Fora Bush!

O que se espera da "visita" de Bush ao Brasil?

Representantes do governo norte-americano estiveram com o governo Lula para anunciar o interesse dos EUA em estabelecer acordo em torno do etanol. Lá se utiliza o milho em grande escala para extrair o produto; aqui, a cana, mais em conta e mais rentável. A decisão de elevar a mistura do etanol em 20% à gasolina exigirá da potência ampliar o intercâmbio energético com o Brasil. Um segundo argumento é que os EUA poderão tornar o etanol uma mercadoria mundial. Frente às dificuldades do petróleo e ao problema do aquecimento do clima, o etanol e outras fontes alternativas permitiriam grandes negócios. O Brasil é o segundo produtor do biocombustível, portanto, seria o parceiro natural dos Estados Unidos.

É com essa bandeira que o governo Bush descerá no Brasil entre os dias 7 e 8 de março. Parece um magnânimo parceiro comercial, que tem muito a oferecer de positivo à burguesia brasileira, principalmente aos usineiros.

Não é preciso muito esforço para se saber que em torno da energia se desenvolve uma guerra comercial, provocada e dominada pelas potências. Os EUA estão à frente dos embates e se apresentam como força bélica. Bush se encontrará com Lula não por razões do etanol. O objetivo do presidente norte-americano é de outra ordem. Transcende a energia extraída dos canaviais e dos milharais. Vamos dizer, de ordem política. Necessita que o Brasil se alinhe com mais clareza e decisão em torno da atuação norte-americana no mundo e especialmente na América Latina.

Os EUA desencadearam uma ofensiva militarista, sem precedente, depois da desintegração da União Soviética, em 1990, que pôs fim à Guerra Fria. Sob o governo Bush, as tendências bélicas do imperialismo ganharam proporção inédita, que lembra situação de pré-guerra mundial. A corrida bélica nas décadas posteriores à Segunda Guerra foi justificada como necessária ao combate ao comunismo. Os acordos ditos pacifistas de controle do armamento, principalmente o nuclear, com a União Soviética, antes da crise de 1990, foram também considerados uma benfazeja ação dos EUA para conter a corrida armamentista.

Mas passado o perigo do "comunismo", com a Rússia, Leste Europeu, China e Vietnã voltando à órbita do capitalismo e com a dissolução do Pacto de Varsóvia, os EUA retomam a ofensiva militar. Não há conflito armado no mundo no qual as forças norte-americanas não estejam presentes. As guerras no Iraque e no Afeganistão expressam as tendências bélicas mais profundas do capitalismo. Por detrás delas, estão as guerras comerciais, a disputa pelas fontes de matéria-prima e a ocupação de espaços estratégicos.

O capital financeiro internacional e as multinacionais constituem o terreno em que brotam as tendências bélicas encabeçadas pelos EUA. As ameaças de guerra contra o Irã são extensão da ocupação econômica e militar do Oriente Médio, impulsionada pelo governo Bush. Sem o estardalhaço da guerra do Iraque, o mesmo vem sendo feito no continente africano. Na Europa, Bush anunciou a instalação de mísseis na fronteira com a Rússia, justificando à burocracia pró-capitalista russa medidas de retomada da corrida armamentista.

A América Latina, desde há muito controlada pelo pan-americanismo imperialista, e pelo ciclo de ditaduras militares, aponta sinais convulsivos: Bolívia, Venezuela, Equador. A onda nacionalista, ainda que caricata, de Evo e Chaves, é incompatível com ofensiva mundial do imperialismo. O governo Lula não seguiu essa trilha, mas tem mantido uma posição dúbia frente ao chavismo. A direita francamente pró-imperialista quer identificar Lula com o antiamericanismo. São pressões para que o governo não fique no meio-alinhamento e siga as exigências da crise e dos interesses do grande capital.

Estas são algumas das razões para que levantemos a bandeira de "Fora Bush do Brasil".

**Ersen Martins de Oliveira,**  
Diretor da Apropuc.

## PUC-SP mobiliza-se pela liberdade dos presos políticos

Na quinta-feira, 15/2, professores, centros acadêmicos e representantes do MST reuniram-se para dar o pontapé inicial na campanha de soltura dos diversos presos políticos que existem hoje no Brasil.

A PUC-SP será uma das seções do *Comitê em Defesa da Democracia e pela Liberdade dos Presos Políticos*, que começa a articular manifestações mais abrangentes contra a prisão ilegal de militantes dos movimentos sociais espalhados por todo o país.

Nesta semana, o Comitê realizará sua primeira atividade, um ato-debate sobre a repressão vivida pelos grupos que lutam por mudanças na sociedade. Local e data serão anunciados em breve. Estarão presentes representantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o professor Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, do Neils, e um representante do Conselho de Centros Acadêmicos da universidade (CCA). O intuito da atividade é sensibilizar a comunidade da PUC-SP acerca do tema para, a partir daí, agregar forças para a realização de

outras ações pela liberdade dos presos políticos.

### Doutorando da PUC-SP continua preso

O dirigente estadual do MST, doutorando da PUC-SP e professor universitário Marcelo Buzzeto, é um desses militantes. Há oito anos, Marcelo foi preso devido a uma manifestação feita pelo movimento na cidade de Porto Feliz, em São Paulo. Condenado a um pena em regime semi-aberto, hoje, de forma ilegal, Marcelo segue preso em regime "semi-fechado", pois não lhe foi concedida autorização para trabalho externo.

Na semana passada, a seção PUC-SP do Comitê e diversas outras entidades, dentre CAs e associações profissionais, assinaram um manifesto em apoio a um pedido de *habeas corpus* endereçado ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Joaquim Barbosa. O documento discorre sobre como foi feita a prisão de Marcelo, elencando problemáticas por todos os processos pelos quais passou desde sua detenção até hoje.

**PUCViva**

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Apropuc:** Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

**PUCViva:** 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCViva na Internet:**

[www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

**Editor:** Valdir Mengardo

**Sub-editor:** Leandro Diversa

**Reportagem:** Jaqueline Nikiforos e Pedro Nogueira

**Fotografia:** Fábio Nassif e Julia Chequer

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:**

Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

# A chuva e as plantas da PUC

*Franklin Goldgrub*

É verão. Infelizmente, como sempre, inundações, queda de barreiras e desabamentos se abatem sobre a população. A culpa, conforme a tradição, é atribuída à natureza. Imprevidência administrativa e desvio de verbas já foram assimilados como calamidades inevitáveis da (natureza) política brasileira.

Mas a chuva também é essencial para as plantas.

Nos canteiros da João Ramalho, algumas primaveras conseguiram recuperar-se da poda a que foram submetidas em 2006 e ostentam majestosos galhos floridos. Alguns inclinam-se em direção à calçada; são suficientemente altos para não dar pretexto a novas podas agressivas. Mesmo assim, permanece a ameaça de que as tesouras voltem a funcionar, transformando-os em tocos.

A solução é redirecionar os galhos mais baixos para o aramado instalado sobre o muro da quadra, das oficinas e da biblioteca. Basta usar barbante ou arame para prender as plantas.

Outras primaveras duramente podadas rebrotaram. Se não houvessem sido mutiladas no ano passado, estariam com a mesma altura das citadas no parágrafo anterior, e teríamos uma João Ramalho totalmente florida.

Infelizmente, nos três canteiros mais próximos à esquina da Ministro Godoy, a recuperação das primaveras não ocorreu. Os canteiros estão sendo usados como depósito de lixo e banheiro de cachorro. O mesmo acontece com os canteiros onde estão plantadas as árvores antigas (ligustros) e as mais recentes (amoreira, pau-brasil, pau-ferro, sibipiruna, jasmin-manga). Uma excelente medida foi apoiar as mudas em estacas para protegê-las.

Mas os ambulantes continuam

antagonizando as plantas. A pasteleria itinerante montada na esquina da Ministro Godoy com a João Ramalho tem inviabilizado o uso apropriado do canteiro. Um trabalho educativo faz-se urgentemente necessário para que o patrimônio da universidade seja respeitado.

Caberia o mesmo comentário em relação ao trecho da Ministro Godoy que vai da mesma esquina com a João Ramalho até a escada do Prédio Novo. Várias mudas de árvores foram arrancadas pelos ambulantes, que não perceberam os benefícios propiciados pelas árvores (sombra, diminuição de temperatura, embelezamento).

Nos grandes canteiros desse trecho cresceram bastante as primaveras rosa-pálido, as acácias e os flamboyants. Tudo indica que, sem interferências indevidas, em dois anos teremos magníficas floradas.

Em relação à calçada desse mesmo trecho, o ideal é que sejam colocadas novas mudas, devidamente protegidas. Aqui também o trabalho educativo é importante para que o vandalismo não se repita.

A excelente iniciativa de construir canteiros altos na Monte Alegre (da esquina da João Ramalho até a entrada principal da PUC), forrando-os com terra vegetal e plantas resistentes, poderia ser estendida aos canteiros das árvores da João Ramalho e da Bartira. (Aliás, o céle-

bre romance dos epônimos mereceria um ambiente condigno...)

O jardim do Tuca também se ressentia da falta de uma forragem adequada. Em virtude disso, parece atrair outro tipo de cobertura: copos, latas, papelões, guardanapos, tocos de cigarro... Daí o contraste total entre a bela fachada do teatro e seu jardim.

Nos canteiros da Prainha, uma jardinagem cuidadosa tornaria essa parte da rampa bem mais agradável.

Aliás, o espaço de convivência construído atrás da quadra é um excelente modelo de jardinagem talentosa e dedicada. Os caramanchões com trepadeiras, os canteiros ao redor das árvores, bem como bancos e mesas, são dignos dos *campi* das universidades que se preocupam com seu espaço físico.

Com relação ao aspecto financeiro subjacente à implementação das medidas necessárias à criação de um ambiente digno da universidade, é bem provável que a organização de uma entidade ("Amigos da PUC", ou outro nome), angarie um grande apoio. Uma iniciativa desse tipo teria como colaborar para manter um investimento que não é vultoso e exigiria mais do que tudo atenção constante e diligência (plantio, irrigação, adubagem, proteção).

O retorno, em todos os sentidos, seria imensamente compensador.

## A devastação, novamente

São Paulo, 25 de janeiro de 2007

O artigo acima já estava escrito quando na sexta-feira, 19/1, passando pelo canteiro da Ministro Godoy/João Ramalho, ouvi o ruído inconfundível de uma serra elétrica. Na esquina, em oito sacos de lixo, já estava acumulada parte do resultado da sua atividade. Ramos e mais ramos de acácias e primaveras.

Inquirido, o funcionário respondeu que havia recebido ordens de "podar pra valer". Dessa forma, dois anos de crescimento de *primaveras* e *acácias* foram inutilizados.

O resultado da devastação foi documentado através de fotografias, entregues à Vice-Reitoria Comunitária.

continua na página ao lado

Aparentemente, as plantas da PUC estão sujeitas ao arbítrio de pessoas que não têm qualquer conhecimento de jardinagem e delegam a operacionalização de suas decisões a funcionários que desconhecem totalmente o ofício.

O operador da serra elétrica não soube diferenciar arbustos de árvores; podou as acácias e primaveras como podou as coroas de Cristo que protegem o canteiro. Arbustos crescem em semanas; ramos de árvores demoram meses ou anos (quando rebrotam).

É sumamente importante que a Reitoria e a Vice-Reitoria Comunitária se ocupem dessa questão. A imagem física da universidade está em jogo, e não se trata de uma questão banal. Trechos do entorno da PUC estão sendo usados como depósito de lixo e banheiro de pessoas e cachorros, na mesma medida em que as respectivas plantas são devastadas pela política do "quanto menos trabalho, melhor". A serra elétrica, em poucos minutos, "resolva", enquanto amarrar e orientar ramos, podar seletivamente e na época correta, toma tempo.

As plantas ornamentais estão sendo cortadas sem o menor critério. São consideradas "mato", algo que atrapalha; parafraseando, a jardinagem, na PUC, está sendo tratada como um caso de polícia. Toda planta que se desenvolve parece ofender o curioso senso estético de pessoas que parecem incomodar-se com vegetação, floração, sombra, proteção sonora e ornamentação.

Urge a nomeação de um funcionário capacitado que cuide do patrimônio vivo da PUC com o mesmo cuidado e respeito com que seu patrimônio predial deve ser cuidado, e a quem fiquem subordinadas tanto as decisões como os funcionários do setor.

*Franklin Goldgrub* é professor da Faculdade de Psicologia

# Pela libertação de Marcelo Buzzeto, doutorando da PUC e preso político brasileiro

*Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida*

É triste e nada cômico. Neste país onde, sob quaisquer critérios jurídicos respeitáveis, campeia a impunidade, existem presos políticos. Um deles é professor na Fundação Santo André. Excelente professor, fez mestrado na PUC-SP e procura, às duras penas (sem trocadilho), desenvolver, também nesta universidade, sua pesquisa de doutorado sobre a questão nacional na América Latina, centrando o foco no caso venezuelano.

Marcelo Buzzeto não aplica na banca, não participa de obras super ou subfaturadas, jamais se intrometeu em crimes do colarinho branco. Pessoa extremamente amável e versada em diversas práticas urbanóides, a começar pelo skate; adora o filho, João Marcelo, e a companheira Claudinha, que também fez mestrado aqui. Quando preparamos nossas festas, sempre alguém se lembra de providenciar suco para o Marcelo, que não fuma nem bebe. Pelos padrões usualmente alardeados, eis um dos últimos caras que se poderia imaginar repartindo uma verdadeira masmorra com outros dezoito seres humanos, dormindo no chão (um col-

chonete para aliviar), e com a família passando dificuldades materiais.

Sabemos que, em geral, o que os dominantes alardeiam mais oculta do que revela a tessitura do real. Acresce que, para complicar ainda mais as coisas, o moço meteu na cabeça que um outro mundo é possível aqui mesmo, desde que os interessados lutem para construí-lo. Esta certeza é, aliás, uma das principais motivações que levam Marcelo a estudar o mundo.

Maiores detalhes sobre a aparentemente esdrúxula prisão de Marcelo podem ser encontrados em outro espaço deste jornal. Mas o desafio é claro e afeta a todos nós: esta prisão atinge a todos os que lutam contra a barbárie e, especialmente, aqueles que se arriscam a pensar nas formas de civilizadamente colocar em prática o que pensam. Fere o que a vida universitária tem de melhor.

Pela libertação de Marcelo Buzzeto e dos demais presos políticos brasileiros.

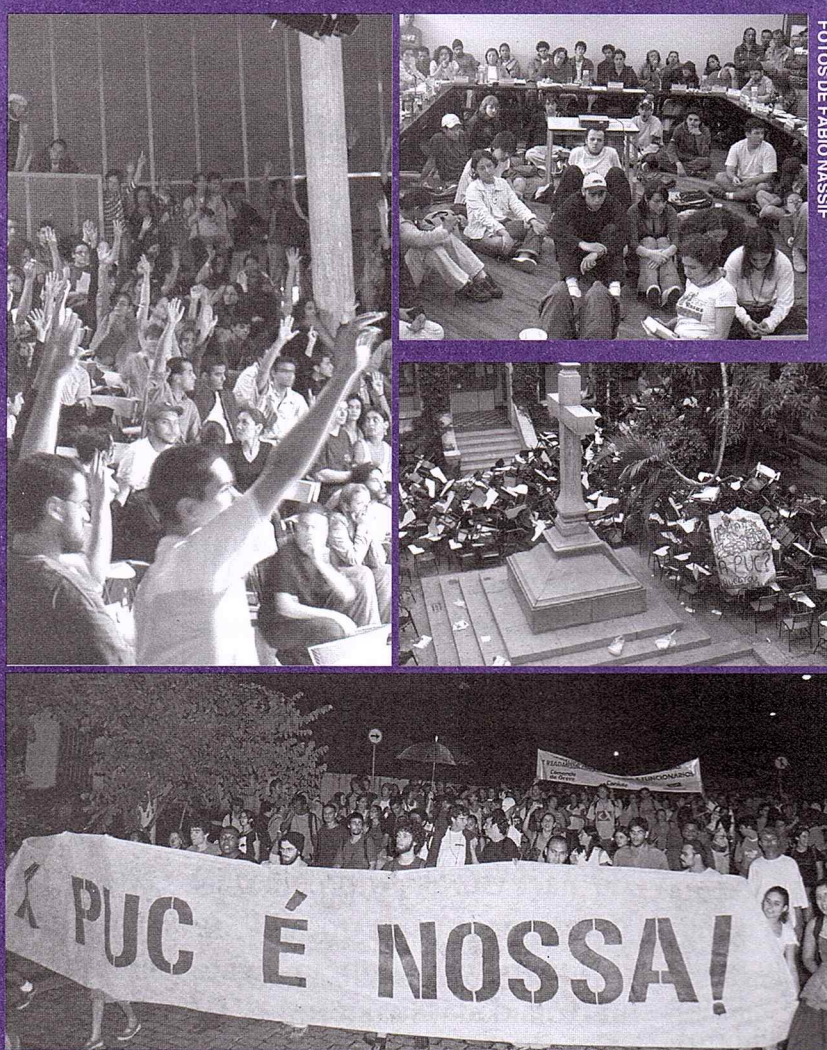
*Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida* é professor do Departamento de Política e do pós em Ciências Sociais e coordenador do Neils (Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais)



Um ano após um dos mais bárbaros processos de demissão no setor educacional brasileiro, os professores demitidos por ação conjunta da Reitoria e da Fundação São Paulo prosseguem na batalha judicial pela reintegração às suas atividades docentes.

No dia 17 de fevereiro de 2006, a comunidade tomou conhecimento de uma lista de professores e funcionários que, somados aos excluídos pelo processo de maximização e àqueles que optaram pelo Programa de Demissão Voluntária, deixavam a PUC-SP com cerca de mil trabalhadores a menos. As aulas tiveram seu início retardado em função de readequação do quadro docente, e a reação da sociedade como um todo foi de repúdio às medidas arbitrárias que estavam sendo tomadas.

A APROPUC e a AFAPUC mobilizaram professores e funcionários em diversas assembleias. Os estudantes se reuniram várias vezes, chegando a deflagrar uma paralisação parcial de três dias. A APROPUC entrou com uma ação na Justiça do Trabalho exigindo a imediata reintegração dos professores demitidos, uma vez que a maioria das dispensas havia sido feita fora dos prazos legais estipulados pelas convenções internas. No dia 6/4, o Tribunal Regional do Trabalho deu ganho de causa aos professores, ordenando a sua imediata reintegração. A Fundação São Paulo, porém, conseguiu no Tribunal Superior do Traba-



FOTOS DE FÁBIO NASSIF

Na foto acima (esq.), uma das assembleias do movimento contra as demissões; à direita, uma das agitadas sessões do Consun e o "cadeiraço" promovido pelos estudantes no Pátio da Cruz; na foto maior, uma passeata interrompe o trânsito no centro da cidade, exigindo a volta dos demitidos.

**17 / FEVEREIRO / 2006**

## Professores prosseguem na luta pela reintegração

lho, em Brasília, efeito suspensivo da sentença. Estranhamente, a decisão foi de cunho pessoal de seu presidente. O julgamento final ficaria prorrogado por, no máximo, 120 dias, mas até o momento não foi marcado.

### Professores reintegrados

Mas a decisão da Justiça Federal não significou um esmorecimento nos ânimos dos demitidos. Muitos deles entraram, em caráter individual, com ações na pleiteando o cumprimento da decisão do Tribunal Regional.

Vários docentes já conseguiram, em primeira instância, sentença favorável da Justiça. Alguns já estão dando aulas novamente, enquanto outros aguardam decisões em segunda instância.

O Núcleo de Relações de Trabalho do Curso de Serviço Social produziu um documentário sobre a precarização do ensino e do trabalho na PUC-SP, tendo como referência o 17 de fevereiro de 2006. O vídeo tem depoimentos de professores e funcionários demitidos e de alunos da PUC-SP durante a mobilização contra as demissões.

### Reflexos

Hoje, um ano após a grande demissão, um clima de terror ainda paira sobre os trabalhadores da PUC-SP. Em que pese os desmentidos, tanto por parte da Fundação, como por parte da Reitoria, são constantes os boatos

de que surgiriam novas listas. Professores e funcionários novos são admitidos sob outras bases financeiras, com salários abaixo dos corpos docente e administrativo atuais. Mesmo as promoções na carreira dos antigos docentes ficam sujeitas à nova tabela.

Neste ano, a PUC-SP amargou uma das maiores quedas na procura por seu processo seletivo. Embora o retrocesso tenha atingido outras universidades, a queda aqui foi mais acentuada, e a própria Reitoria reconhece que um dos fatores que levou a tal diminuição foi a imagem negativa criada pelas demissões.

# Rola na rampa



DIVULGAÇÃO

Elenco da peça *Volta ao Lar*

## Tuca estréia peça e abre vagas para curso

O Tuca está com as inscrições abertas para os cursos regulares de Iniciação Teatral e também para o Profissionalizante. O prazo se encerra nesta quarta-feira, 28/2. Professores, alunos e funcionários da PUC-SP têm 10% de desconto nas mensalidades. O atendimento funciona das 10 às 19h. Além disso, a peça *Volta ao lar*, com texto do anarquista Harold Pinter (prêmio Nobel de Literatura

2005), tradução de Millôr Fernandes e direção de Alexandre Reinecke, estreou em janeiro e fica em cartaz até o dia 1.º de abril, no Tucarena. Membros da comunidade puquiana pagam R\$ 10. As apresentações acontecem em vários horários: 20h às quintas; 21h às sextas e aos sábados, e 19h aos domingos. Informações: 3670-8458 ou pelo site [www.teatrotuca.com.br](http://www.teatrotuca.com.br).

## Revista PUCviva com lançamento marcado

Dia 7/3, quarta-feira, em local a ser anunciado, acontece o lançamento da Revista *PUCviva* n.º 28, que discute o racismo no

Brasil. Na oportunidade, estudiosos da questão que escreveram artigos para a revista participarão de um debate.

## Mestranda da PUC-SP lança novo livro

Foi lançado no dia 14/2 o livro *Do Microcrédito às Microfinanças* de Cristina Tauaf Ribeiro e Carlos Eduardo Carvalho. Trata-se da dissertação de mestrado de Cristina, defendida na pós-graduação em Economia. O livro tem 206 páginas e custa R\$ 40. Informações: 3170-4033.

## Novos artigos no site da Cipa

A Cipa publicou em sua página [www.pucsp.br/cipa](http://www.pucsp.br/cipa) novos artigos sobre saúde e segurança no trabalho. Entre os temas estão as doenças do sistema respiratório e cuidados com a voz. Os profissionais que desejam escrever sobre temas afins podem enviar seus artigos.

## Novo vestibular nesta segunda

A coordenação do vestibular realiza nesta segunda-feira, 26/2, a prova de seleção para vagas remanescentes em cursos tradicionais de graduação e tecnológicos. Até o fechamento desta edição, ainda estavam abertas as inscrições, mas estimava-se que o número de inscritos atingiria a casa dos 200. Também nesta segunda-feira, acontece a nona chamada do processo seletivo realizado no fim do ano passado.

## Grupo de Teatro Universitário na PUC-SP

O GTUP (Grupo de Teatro Universitário da PUC-SP) convida a comunidade para conhecer o seu curso, voltado à preparação do ator para o teatro. Haverá aulas dinâmicas e práticas sobre improvisação, monólogo, análise de textos, exercícios sensoriais, atuação, voz, discurso, texto e movimentação. Também existem núcleos de cenografia, direção e dramaturgia. O curso é gratuito e as aulas acontecem todo sábado, das 14h às 17h30, na sala 529 do Prédio Novo. Informações: [gtup.blogspot.com](http://gtup.blogspot.com).



JULIA CHEQUER

## CA 22 de Agosto faz recepção de peso

Entre os dias 12/2 e 16/2, o centro acadêmico de Direito (22 de Agosto), organizou uma recepção de calouros bem recheada. As apresentações musicais e teatrais, filmes e debates impressionaram pelo alto grau de politização. As atividades cuidaram em fazer uma abordagem crítica de diversos elementos que constituem a atividade profissional na área do Direito. Dentre os diversos debates realizados, um dos que tiveram maior participação foi o de 15/2, com o tema *Direito: instrumento de manuten-*

*ção ou transformação social?* Na mesa, estavam presentes o intelectual Plínio de Arruda Sampaio, os advogados Eloísa Machado (ONG Conectas), Aton Font (Renap) e o professor do Mackenzie, Alisson Mascaro. O encerramento da semana ficou por conta da peça *Questão de Justiça*. No enredo, jovens de classe média assassina um rapaz em uma brincadeira e o crime é considerado como culposos antes de doloso, trazendo à tona questões como a impunidade e as particularidades de um julgamento.